

O princípio da Faed

Padre Elli Benincá

O perfil do profissional se constrói no confronto dialético entre o trabalho do profissional e o seu objeto de trabalho, o educando.

Introdução

O padre Elli Benincá é quase um patrimônio da Faculdade de Educação da UPF. Trabalhando na unidade desde o seu início, em 1966, o padre-professor lecionou e dirigiu a Faed. Agora voa alto e pensa em novos projetos.

Como iniciou a Faculdade de Educação? Em que você participou?

Cheguei a Passo Fundo no mês de janeiro de 1966 com indicação para o magistério na Faculdade de Filosofia, na disciplina de Introdução à Filosofia. O vestibular daquele ano oferecia vagas para os cursos de Pedagogia e Filosofia. Minha primeira experiência vinculou-se à preparação dos candidatos para o vestibular. A Pedagogia e a Filosofia eram os únicos cursos de graduação oferecidos pela faculdade. No mês de julho do mesmo ano, houve um segundo vestibular para candidatos às licenciaturas de 1º ciclo, também designadas de “curta duração”. Eram as licenciaturas de Estudos Sociais, Letras e Ciências Naturais. Esse foi o patrimônio acadêmico que a antiga Faculdade de Filosofia deixou como herança para a Universidade de Passo Fundo desde 1968.

Com a Reforma Universitária, a Faculdade de Filosofia deu origem aos Institutos de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) (Estudos Sociais, Filosofia e Letras), Instituto de Ciências Biológicas (ICB) (disciplinas de Biologia e curso de Ciências Naturais) e Instituto de Ciências Exatas e Geociências (Iceg). A Faculdade de Educação concentrou toda a formação pedagógica no curso de Pedagogia. Os diretores das quatro unidades tiveram a missão de implantar a reforma com a departamentalização das disciplinas e a administração dos cursos vinculados à respectiva unidade. Os diretores eram

padre Alcides Guareschi – Faed; professor Luís Eurico Spalding – Iceg; professor José Carlos Moraes – ICB, e eu (Elli Benincá) – IFCH. A partir de 1974, passei a assumir a direção da Faed até 1985.

Quais foram as principais conquistas obtidas ao longo da história da Faed?

Vários projetos educacionais vinham sendo gestados na antiga Faculdade de Filosofia, vinculados à formação de professores. A expansão e a afirmação da Faed deram-se após a criação da UPF. O *status* de universidade facilitou muito o encaminhamento e a aprovação dos projetos de Licenciaturas em Regime Especial de Férias, do Centro Regional de Educação, os projetos Umit, Casca, Palmeira das Missões, entre tantos outros. A expansão da UPF na década de 1970 teve na Faed sua maior expressão. É bom recordar também que os fatores externos, como a modernização da agricultura na região, o crescimento da rede hospitalar e das redes municipais e estadual de ensino, favoreceram o crescimento da Faed. A formação de professores foi o eixo central de todo esse processo de desenvolvimento pedagógico e acadêmico.

A Faed está investindo em especializações e mestrado. Quais e como são desenvolvidos esses cursos?

Os cursos de especialização emergem das necessidades dos profissionais da educação. Trata-se de aprofundamento de núcleos de conhecimentos específicos para responder a realidades específicas. O engajamento do profissional em determinada atividade pedagógica obriga-o a ampliar informações que o curso de graduação oportunizou de forma genérica. A Faed

deve estar sempre atenta às circunstâncias externas da instituição para ajudar os profissionais a buscarem respostas para as suas dificuldades. Quanto ao mestrado, trata-se de uma exigência institucional. Não há como qualificar conhecimentos sem a pesquisa e sem investigação. O mestrado tem a função de possibilitar a pesquisa no interior da faculdade, criando condições para a especialização.

Quem são os alunos de educação da Universidade de Passo Fundo?

Os alunos da Faculdade de Educação são diferentes dos demais alunos da universidade. A proposta pedagógica da faculdade propõe um perfil de profissional diferenciado dos demais. Quem define o perfil do profissional não é a lei nem o currículo do curso, os quais estão em função do objeto de trabalho. O profissional da educação vai trabalhar com o ser humano. Da relação do professor com o educando nasce o perfil profissional. É muito diferente trabalhar com metais, com a terra, laboratórios e construções e trabalhar com uma criança. No caso da construção, arquiteto e engenheiro podem decidir sobre a obra. Na educação da criança, o professor é um interveniente na vida dela, juntamente com tantos outros, como os pais, colegas e as condições sociais. A fragilidade do ser humano, em especial da criança, requer do professor uma sensibilidade muito maior. O professor não só deve aprender a trabalhar com a criança, mas, acima de tudo, transformar-se a si mesmo no sentido de construir atitudes condizentes com a relação pedagógica que estabelece com o educando. O perfil do profissional se constrói no confronto dialético entre o trabalho do pro-

fissional e o seu objeto de trabalho, o educando.

Como os estudantes de educação são preparados para o mercado de trabalho?

O estudante de educação necessita dominar um núcleo de conhecimentos básicos que lhe possibilite e lhe permita compreender o objeto de estudos e trabalho, a criança. Precisa, também, incorporar atitudes e comportamentos adequados aos princípios filosófico-pedagógico-metodológicos por ele assumidos ou em processo de compreensão. A faculdade, nesse sentido, é o espaço privilegiado para o estudante confrontar as informações teóricas recebidas em sala de aula com as práticas adquiridas na experiência cotidiana. A reflexão teórica sobre a prática, lida e compreendida pelo próprio estudante, irá possibilitar-lhe construir uma sabedoria pedagógica, instrumento principal no trabalho pedagógico.

Quais são os novos projetos que serão executados pela Faculdade de Educação da UPF?

Poderíamos definir duas linhas de ação da faculdade. Em primeiro lugar, as provocações que têm contexto social externo. Entre as preocupações do momento presente, surge a construção de uma pedagogia para os idosos, os quais se apresentam como um segmento importante da nova sociedade, que está a reclamar uma reflexão pedagógica mais robusta para o novo mundo, que já não apenas se anuncia, mas que se tornou realidade. A questão que se propõe é a seguinte: será a sociedade que conduzirá o ser humano, ou caberá ao ser humano conduzir a sociedade por ele cons-

truída? Uma segunda linha de preocupações provém do interior da faculdade. O avanço na compreensão do mundo será possível se houver um avanço na construção de conhecimentos pedagógicos. Para que isso aconteça, faz-se necessário avançar na pesquisa pedagógica. A construção de um curso de doutorado torna-se exigência básica para a evolução da investigação pedagógica.

Fale sobre a sua experiência na Faed.

A faculdade foi para mim um espaço de aprendizagem de extrema riqueza. A experiência de magistério me ensinou que as condições pessoais de trabalho podem ser transformadas por opções pessoais do sujeito. A universidade nunca esteve nos meus sonhos e projetos de vida ao longo do período de minha formação nos cursos de Filosofia e Teologia. Quando fui designado para a Faculdade de Filosofia, tive de realizar um processo opcional profundo do meu ser. A partir do momento em que consegui perceber que podia optar pela educação, dei-me conta de que não era difícil engajar-me no projeto da formação pedagógica.

Sempre acreditei que o trabalho pedagógico de grupo é melhor do que o individual. No grupo pode-se pensar e decidir com menor probabilidade de erro, com a vantagem de ter a melhor forma de preparar pessoas para a continuidade do trabalho. A autoformação, produto da reflexão a partir da prática pessoal de trabalho, apoiada na formação teórica e acadêmica, foi a melhor maneira que encontrei para sobreviver como professor e educador. Foi nessa perspectiva que, durante o período de direção, consegui, de forma coletiva,

construir o primeiro Plano de Capacitação Docente para a Faculdade de Educação, o qual me permitiu realizar na PUC/SP o mestrado e agora estar concluindo o doutorado.

Por fim, gostaria, de agora em diante, de preparar-me para sair da universidade. O desafio que eu tenho é o de criar condições psicológicas e ambientais para fazer uma transição normal entre a universidade, como espaço de trabalho e de relações humanas, e o novo mundo que necessariamente deverei construir.